

Grandes referências partem e o Jornalismo fica mais pobre.

written by Alberto Jorge Santos | 16 de Janeiro, 2026

OCIDADÃO
Jornalismo Livre

EDITORIAL
Alberto Jorge Santos



“Ser bem informado é um direito que nos assiste” – Costa Carvalho

O jornalista Costa Carvalho deixou-nos. Ontem, 15 de janeiro de 2026. Aos 92 anos.

Iniciou a sua carreira profissional no “Jornal de Notícias”, quando eu perfazia um ano de idade.

Tive o privilégio de o conhecer **18 anos mais tarde**, em Coimbra, e por mero acaso. A Associação Académica promoveu uma “sessão de esclarecimento” – chamo-lhe assim, pois não recordo o nome exato do evento – sobre jornalismo para estudantes universitários; como eu colaborava – de forma muito inconstante – num jornal local, informaram-me, à última da hora, que ia haver uma “formação” em jornalismo na AAC.

Foi num anfiteatro da Faculdade de Letras. E o palestrante, nortenho de convicção e amarantino de coração, apresentou-se – **José Costa Carvalho**. Chefe de Redação do matutino portuense, “O Comércio do Porto.”

Estávamos em 1978 ou 1979. E de colaborador incipiente da imprensa local, depois de ouvir o Mestre, percebi para onde queria dirigir o meu futuro. Teria que deixar algumas coisas para trás, mas, na época, todos deixávamos algo para sermos jornalistas.

E Costa Carvalho não pintou a profissão de “cores apelativas”. Como sempre, **foi rigoroso e verdadeiro**. Misturando dureza com afeto, disse a (sua) verdade, que passou a ser também a minha – **“Esta profissão não é para todos, só para os que consigam resistir a sacrifícios.”** Mais tarde, Kapuscinski (foi Costa Carvalho quem me falou deste jornalista/autor) escreveria **“Os cínicos não servem para este ofício”**.

Mal sabia eu, naquele momento, que iria cruzar-me mais vezes com Costa Carvalho. E conhecer, na “pele”, o seu **afamado mau feitio**. Mas a resistência ao sacrifício – lá está, ele bem avisou – encarregou-se de ajudar-me. Foi meu Diretor, Chefe de Redação e Editor, em momentos diferentes.

O Costa Carvalho foi um grandíssimo jornalista e não inferior mestre para quem teve a felicidade de ser por ele dirigido. **Rigoroso, competente, exigente até ao limite**. Um purista do Jornalismo. E da escrita.

Não deixava que avançássemos com uma notícia mais importante ou fraturante sem testar muito bem a fonte ou as fontes. Se entendia não ser suficiente o que tínhamos para assegurar a veracidade da informação, mandava-nos testar melhor a fonte. E quantas vezes o fizemos! O que levava o leitor a confiar absolutamente no que lia. E isso enchia-nos de orgulho.

“O Jornalismo é uma coisa muito séria. Uma informação pouco rigorosa pode causar danos incalculáveis.” – disse-me, algumas vezes. **“E as pessoas merecem respeito”**. Costa Carvalho *dixit*.

Havia “três” Costa Carvalho – o da Redação, o professor e o camarada fora da Redação. **Dentro do Jornal**, um bloco de gelo, rigorosíssimo e sempre atento. Uma vez, depois de ver um texto meu, disse-me algo assim. *“Há aspetos básicos, mas essenciais, e tu sabes quais são, para a redação de uma notícia. Se algum desses princípios faltar, podes ter escrito um belo texto de propaganda ou um panfleto, o que quiseres, mas peça jornalística é que não é.”* – serviu-me de lição para a vida inteira. **O professor**. Pouco convencional, mas de uma eficácia tremenda; **fora do Jornal**, um igual a nós, bom contador de histórias e amigo de quem precisasse dele. **A Cidadania estava no seu ADN enlaçada no jornalismo.**

Esta insistência na qualidade, no rigor, na clareza, nas fontes, no distanciamento, na humildade, que não subserviência, e no respeito pela profissão e por nós mesmos, tanto “bateu” que entrou.

E entrou em quase todos os jornalistas que, como eu, começaram o ofício no início de 80 do século passado. Alguns, mantivemos esta postura, outros preferiram “encostar-se” a interesses vários, nomeadamente ao poder e ao dinheiro – opções.

Estou convicto de que o jornalismo nortenho – num tempo em que no Porto havia três matutinos nacionais, um semanário e um diário desportivo – teve em Costa Carvalho um dos seus elementos **mais dinamizadores**. E foi graças a jornalistas como ele que o panfletarismo do “PREC” passou a jornalismo sério e rigoroso.

E também tenho a certeza de que os meus camaradas dos anos 80, tendo-o como Chefe de Redação ou professor, passaram a encaram a profissão de uma forma muito interessante nos princípios. E, se calhar, os que ainda labutam, **seguem essa verticalidade.**

Costa Carvalho deixa saudades. Pessoalmente, foi uma referência. Já ele não exercia e, numa mesa de café, voltámos a conversar sobre os critérios editoriais, assunto que sempre

me despertou imenso interesse. **Aconteceu há cerca de dez anos.** Depois, nunca mais o vi.

Por estes dias, a propósito da notícia que envolve um candidato à Presidência da República e que acusa os jornalistas de lhe terem "*causado danos pessoais incalculáveis*" , lembrei-me do Mestre. Que bela conversa teríamos a discutir este assunto! Dava-nos para uma tarde inteira.

Desafortunada coincidência – um dia ou dois depois, surgiu a notícia do seu falecimento.

Fiquei sem interlocutor para temas de natureza editorial. Mas todos nós, **Jornalistas**, ficámos a perder. Um camarada que era uma referência **do bom profissionalismo**. Da Velha Guarda, como já há poucos.

O Jornalismo, de uma forma geral, **fica mais pobre, mais vazio, mais triste.**

Custa-me sentir que os princípios que o Costa Carvalho nos ensinou **estão a degradar-se**. E os jovens que ainda ousam avançar para o Jornalismo clássico, **ficam sem referências**, perdidos entre o "canibalismo (des)informativo" das redes sociais e a manipulação de administrações sinistras.

Infelizmente, os mais jovens profissionais não imaginam **a falta que homens como Costa Carvalho fazem ao Jornalismo**. Passem os anos que passarem.

"O Cidadão" presta-lhe a merecida homenagem.

Obrigado, Mestre!